

Imagens no/do exterior

Marcelo Machado (PROPED/UERJ)
Maria Cecília Castro (PROPED/UERJ)

VIVÊNCIAS COM CINEMA, IMAGENS E SONS, XENOFOBIA E PROCESSOS DE 'APRENDIZAGEMENSINO' NAS REDES EDUCATIVAS

Imagem 1 - Cartaz do Filme "BlackPink - The Movie"



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-293802/>

Imagem 2 - Integrantes da banda BlackPink



Fonte: <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/blackpink-e-o-1o-grupo-de-k-pop-a-atingir-1-bilhao-de-views-no-youtube/>

Durante nossas andanças, aprendemos que os processos de 'aprendizagemensino' se tecem nas redes educativas que formamos e somos formados cotidianamente. A experiência de um dos autores partilhada neste texto fortalece esta afirmação. Atualmente, em nosso grupo de pesquisa, pesquisamos acerca dos processos migratórios presentes nos currículos escolares. Nos interessa identificar e problematizar como tais questões surgem em nossos cotidianos.

Neste sentido, o termo xenofobia emerge em nossas aulas quando tratamos das migrações. Numa tentativa de problematizarmos as questões, os artefatos culturais e tecnológicos são fundamentais para nós, em especial os filmes, pois produzem possibilidades de 'verouvirsentirpensar' a respeito dessas e outras temáticas. Paralelo a isso, acreditamos na ideia de que os processos transformadores e criadores são parte da formação humana. Assim, um dos autores segue o relato de sua vivência:

Tenho um adolescente em casa. Ele tem 11 anos e a mesma idade que costumam os meus estudantes pois, em geral, sou professora do quinto ano do ensino fundamental. Sou uma professora com quarenta anos de

idade e doze anos de magistério. Tenho muito a ensinar mas muito a aprender. Com eles aprendo sobre músicas, séries, redes sociais, gírias, tendências de moda e tantas outras coisas. Prova disso é conhecer o universo K-pop¹ e consequentemente um pouco das culturas orientais. Em minhas aulas e na educação de meu filho, sempre reforço a ideia de que as culturas precisam serem reconhecidas no plural por serem muitas e múltiplas, exemplifico a África que comumente é apresentada como uma unidade, fixada e tão estereotipada nas culturas ocidentais.

Apesar de todo o discurso fortalecedor de respeito às diferenças, a experiência vivida com meu filho durante nossa ida ao cinema para assistir ao documentário de seu grupo de K-pop feminino sul-coreano favorito, o Blackpink percebi a xenofobia encarnada em mim. Ao apresentar cada componente do grupo e suas características principais, interrompi meu filho dizendo que não via diferença entre as componentes do grupo. Para mim elas eram todas iguais. Vi no rosto de meu filho uma surpresa. Logo eu que combatia preconceitos e discriminações em minhas vivências apresento uma fala tão carregada de xenofobia. Indignado com minha postura ele interrompe e questiona minha fala.

- Mãe, você prestou atenção no que disse?

- O que eu falei? Não estou entendendo.

- Você foi xenofóbica! Você disse que elas são todas iguais e elas não são! É como se você estivesse falando que a África é uma coisa só e que nós, latino-americanos como todos iguais!

Neste momento senti vergonha. Olhei ao meu redor para ver se alguém tinha ouvido a idiotice que falei. Acho que não. Pedi desculpas ao meu filho e disse que ele tinha razão.

Constantemente meu filho me apresenta elementos das culturas ocidentais. Mangás, desenhos animados, músicas, alimentos e lugares produzem admiração e fascínio a ele. A mim me parece algo tão distante quanto os quilômetros de distância que nos separam. Muitas vezes as distâncias reforçam estereótipos, preconceitos e xenofobia. Entretanto a geração de meu filho e de meus estudantes estão ainda mais conectados e cosmopolizados.

A partir do vivido, os limites de *'espaçotempo'* são ressignificados, problematizados, rompidos e conectados constantemente. Desta forma nossos próprios limites geracionais são questionados. Ligações se criam e se rompem de modo rizomático. Nos desafiamos a *'versentirpensar'* com nossos jovens. *'Aprenderensinar'* a partir das trocas, dos encontros e conversas tão essenciais nas pesquisas que desenvolvemos.

Sobre os autores:

Marcelo Machado - Doutorando em Educação (ProPEd/UERJ), Mestre em Processos Formativos e Desigualdades Sociais (FFP/UERJ). Graduado em Geografia. Atua como Coordenador Pedagógico (Seeduc-RJ) e professor da rede privada de ensino no Rio de Janeiro.

Maria Cecilia Castro - Doutoranda em Educação (ProPEd/UERJ). Professora do Colégio universitário Geraldo Reis - Coluni UFF.